

Dialogando com as cartas de Paulo Freire para Nathercinha

Silvia de Amorim*

Resumo

As trocas de cartas entre Paulo Freire e sua prima segunda, Nathercinha, iniciaram-se por uma iniciativa dela, sendo que, aos 9 anos, ela escreveu sua primeira carta. A partir desta iniciativa, Freire, em seu período de exílio, enviou-lhe no total seis cartas. O presente texto tem como objetivo fazer uma aproximação das cartas com os seguintes autores: Debord (1997); Dussel (2020); Fabra (2009); Kohan (2007, 2019, 2020); e Mello (2015). Cada uma das cartas trouxe descrita, além do cotidiano da vida pessoal de Freire, temáticas diversificadas, tais como o tempo, diferentes infâncias, adulto brincante, imaginário infantil, aprendizagem pela brincadeira e a vida de modo geral. Diante desses assuntos, no decorrer deste texto, algumas conversas foram iniciadas com embasamento em reflexões que os teóricos em diálogo proporcionaram. Pode-se identificar que a leitura dos escritos de Paulo Freire, mesmo com a utilização de uma linguagem mais coloquial e relacionada ao cotidiano, está interligada aos estudos desenvolvidos por outros pesquisadores da atualidade. Assim, é possível identificar que nas cartas existem elementos que produzem conhecimentos científicos que envolvem o cotidiano da vida e da educação.

Palavras-chave: Infância. Paulo Freire. Tempo.

Abrindo o diálogo

Antes de iniciarmos a falar sobre as cartas, faz-se necessário relembrar um pouco sobre a vida de Paulo Reglus Neves Freire. Ele nasceu na cidade de Recife, capital do estado de Pernambuco, no dia 19 de setembro de 1921. Era filho do capitão da polícia militar, o senhor Joaquim Temístocles Freire e da senhora Edeltrudes Neves Freire. Quando tinha 13 anos, seu pai faleceu e as condições financeiras ficaram difíceis. Diante das dificuldades, ganhou uma bolsa de estudo no Colégio Oswaldo Cruz, no qual passou a exercer a função de auxiliar de disciplina e, posteriormente, assumiu a disciplina de Português.

Em 1962, Freire realizou a alfabetização de 300 trabalhadores na cidade de Angicos, localizada no sertão do Rio Grande do Norte. Com essa experiência

* Formada em Pedagogia pela Furb e mestranda da FAED/UFPA, no curso de Mestrado em Educação. Atuei como professora efetiva de educação infantil na rede municipal de educação da cidade de Gaspar e já atuei como supervisora do Pibid/Furb, subprojeto Pedagogia. Atualmente, sou professora efetiva de educação infantil no NEIM Doralice Teodora Bastos, pertencente à rede municipal de educação na cidade de Florianópolis.

E-mail: silviade.amorim@gmail.com

desenvolveu um método próprio de alfabetização que parte do contexto de vida dos estudantes, trazendo para essa didática a sua sensibilidade e, ao mesmo tempo, a sua ligação direta com a sua compreensão política. Compreende a ação de alfabetizar como um processo que deve ser estruturado de maneira que considere o aprendiz como um sujeito de direitos. Sendo assim, o processo de alfabetização se inicia com a potencialidade do sujeito de fazer a leitura do mundo, que irá anteceder a sua entrada no mundo escrito.

Paulo Freire, com sua curiosidade e suas perguntas, construiu um processo de elaboração da práxis, com fundamento na educação libertadora. Para formular sua educação libertadora fez-se necessário o desenvolvimento de conceitos fundamentais apropriados de diversas áreas do conhecimento, tais como o marxismo, teologia, fenomenologia, pedagogia e outras que, de alguma maneira, proporcionam reflexão sobre os contextos que estaria vivenciando. Em diversos outros países é reconhecido como um filósofo e sua pedagogia compõe grades curriculares de disciplinas de Filosofia da Educação. Sua atuação como professor universitário, no exterior, aconteceu no período de exílio, mesmo período em que as cartas abordadas aqui foram escritas.

Durante a sua vida escreveu vários livros e, muitos deles, utilizam como base cartas trocadas por ele em diferentes épocas e com interlocutores diversos. O livro *A casa e o mundo lá fora: Cartas de Paulo Freire para Nathercinha Lacerda* foi escrito pela Nathercinha, em 2016, a partir do incentivo de algumas pessoas especiais, como sua prima Cristina, que foi protagonista do livro *Cartas à Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis*, escrito por Freire em 2003.

Nathercinha e Cristina iniciaram uma pesquisa com o levantamento das cartas, fotos, registros escritos e outros documentos que poderiam ajudar na escrita do livro e se fazerem presentes nele. Os momentos vivenciados por elas são apresentados no livro e trazem como um momento importante o encontro delas com a prima Madalena Freire. Nesse encontro o diálogo proporcionou recordar os momentos familiares, principalmente os que estavam descritos nas cartas, contribuindo na escrita do livro.

Aprofundando o diálogo

A história das cartas de Paulo Freire para Nathercinha se inicia a partir de uma ação dela. Nathercinha, com 9 anos de idade, resolve escrever a sua primeira carta na vida, a primeira trocada com o seu primo de segundo grau. Como Paulo Freire tinha quase a mesma idade que seus pais, Nathercinha preferia chamá-lo de tio.

O Brasil estava, na época, vivenciando a ditadura militar, mas a prima (LACERDA, 2016) comenta não saber naquele momento o que estava acontecendo. Nem conseguia imaginar que Paulo Freire estava em outro país por causa de seu exílio. Ela também relata não saber ao certo o motivo que a fez escrever a carta para ele. Mas a espera das cartas era eufórica, porque demoravam a chegar, e relata que “[...] gostava especialmente de ler o que Paulo escrevia sobre as estações do ano no Chile: as cordilheiras nevadas, os flocos de neve no corpo, as flores, as roseiras risonhas, os vários tons das folhas no outono” (LACERDA, 2016, p. 50).

A partir dessa iniciativa de Nathercinha inicia-se um diálogo entre uma criança e um adulto. Diálogo que trazia elementos da geografia do espaço e outros aspectos para refletir sobre a infância, mas não qualquer infância, pois “[...] a infância é também essa vontade de transformar o mundo para que não apenas algumas vidas possam ser vividas com alegria e vontade de viver [...]” (KOHAN, 2019, p. 183). Uma infância com a potência transformadora, ato revolucionário e político, permitindo o protagonismo da criança por meio da sua curiosidade, pode transformar o mundo.

No texto, a partir de agora, serão descritos trechos selecionados de cada carta para a construção do diálogo com outros autores. Portanto, para começar a primeira carta, trazemos como destaque o seguinte excerto:

A neve caindo parecia poeira do céu. E eu me senti um menino de novo e quase brinquei de fazer bonecos de neve. É uma coisa boa, Natercinha, que a gente nunca deixe de ser menino. [...] Cresça, mas nunca deixe morrer em você a Natercinha de hoje, que começa a descobrir o mundo, cheia de curiosidade (LACERDA, 2016, p. 50-51).

Pode-se compreender que, para Freire, a infância deveria ser mantida além do tempo cronológico estipulado pelo homem. Para ele, a infância deveria ser interpretada pelo tempo *Aión*, sendo um dos tempos que fazem parte da classificação apresentada por Kohan (2004). Essa organização do tempo tem seus fundamentos na Grécia Antiga, em que utilizavam as seguintes designações: *Khrónos*, *Kairós* e *Aión*. Sendo que

Khrónos é o tempo de relógio, do calendário, da instituição. É o tempo que não para, que segue movimentos uniformes, sucessivos, consecutivos, irreversíveis, qualitativamente indiferenciados. É um tempo composto de duas partes (passado e futuro) e uma terceira que apenas tem a materialidade de um limite entre as outras duas: o presente em *khrónos* é apenas o instante, o agora. *Kairós* é o tempo da oportunidade, o momento oportuno, a ocasião adequada para se experimentar algo como não se poderia experimentar em qualquer outro momento; é um tempo qualificado, preciso, singular, único. *Aión* é a duração no

tempo; o tempo intensivo, da experiência, do acontecimento. Ele é puro presente. É o tempo daquelas experiências que nos fazem sentir que o presente dura, nas quais estamos como suspensos no presente: a arte, o amor, a filosofia e, pensando na escola, a leitura, a escrita, o estudo (KOHAN, 2020, p. 7).

Eles influenciam diretamente na compreensão sobre o tempo da infância, a estruturação dos tempos nas unidades educativas e, conseqüentemente, na atualidade dos espaços educacionais *online*. Portanto, olhar para esses tempos é perceber que o tempo da criança é o menos contemplado e valorizado no cotidiano das vidas. Entretanto, o Aión é o tempo mais importante, pois é nele que os conceitos são experimentados e internalizados, promovendo o desenvolvimento da criança.

Na segunda carta tem-se este trecho muito importante para ser refletido:

A cordilheira dos Andes está ficando linda. Tôda, branquinha vestida de neve. Ontem de tarde eu fui com Elza, Madá e o marido dela “brincar” de fazer boneco de neve, num morro que fica perto de nossa casa. Depois de um dia muito frio e chuva, o morro ficou parecido com um Papai Noel, só que em lugar de algodão era neve. Às vezes eu me sinto como se fosse um menino também. Tenho vontade de correr. De brincar. De cantar. De dizer a todo mundo que gosto de viver. Você nunca deixe morrer em você a Natercinha de hoje. A menina que você é hoje deve acompanhar a mocinha que você vai ser amanhã e a mulher que será depois (LACERDA, 2016, p. 55).

Novamente, Paulo Freire deixa em sua escrita a permanência da infância, mesmo na fase adulta de sua vida. Isso o faz trazer elementos para exemplificar seu pensamento a partir do ato de brincar de fazer boneco de neve. A importância do relato dele para uma criança que vive no Brasil, um país que não tem neve no inverno, é levantar elementos de outra cultura para que amplie o conhecimento dessa menina, possibilitando que a imaginação e as brincadeiras possam, a partir dessa narrativa, ganhar outros enredos.

Ele aproveita para demarcar a importância do papel do adulto brincante na vida de uma criança, pois é este adulto que trará diferentes elementos para diversificar os enredos das brincadeiras. A ação de brincar deve ser ensinada para as crianças levando em conta elementos e detalhes para que possam enriquecer esses momentos. Porém, quando o adulto não tem essa consciência acaba internalizando que a brincadeira é mais uma ação comum e que apenas o tempo livre é tempo de brincadeira. Não tem consciência da importância do seu papel nesse processo, como nos apresenta Mello (2015).

A terceira carta teve o seguinte trecho em destaque:

As roseiras começam abrir suas rosas. A gente olha pras roseiras e parecem gente rindo. Meninos rindo, com a pureza do riso das crianças. Se os homens grandes, as pessoas grandes pudessem ou quisessem rir como as roseiras, como as crianças, não lhe parece que o mundo seria uma coisa linda? Mas eu acredito que um dia, com o esforço do próprio homem, o mundo, a vida vão deixar que as pessoas grandes possam rir como as crianças. Mais ainda – e isto é muito importante – vão deixar que todas as crianças possam rir. Porque hoje não são todas as que podem rir. Rir não é só abrir ou entreabrir os lábios e mostrar os dentes. É expressar uma alegria de viver, uma vontade de fazer coisas, de transformar o mundo, de amar o mundo e os homens, somente como se pode amar a Deus (LACERDA, 2016, p. 57-58).

O olhar de Paulo Freire aqui demonstra a existência de diferentes contextos nos quais as crianças estão inseridas. Diante disso, pode-se perceber que temos diferentes concepções de infância. A infância estará relacionada com o contexto e o tempo que a criança está inserida, como nos fala Kohan (2007).

O autor também traz três mitos sobre a infância para serem analisados. O primeiro seria o mito pedagógico da formação política que tem como objetivo formar o indivíduo cidadão consciente de sua função na sociedade. O segundo é o mito antropológico da infância que envolve a concepção do tempo cronológico e a interpretação da infância como sendo a primeira fase da vida. O terceiro, e último, seria o mito filosófico das ausências, que é “[...] um pensamento que ressitua categorias como infância, estrangeiridade e ignorância em uma terra de potência, de afirmação e de vida” (KOHAN, 2007, p. 10).

Portanto, o termo infância é uma tentativa de padronização e homogeneização da interpretação dessa etapa da vida. É uma tentativa de dizer que todas as crianças vivenciam a infância da mesma maneira. É afirmar que todas as crianças são alegres, que vivem rindo. Ao mesmo tempo, nega-se as crianças que, por diferentes motivos, estão tristes e choram nesse exato momento.

Em relação à quarta carta podemos dialogar com este trecho:

O Chile está sofrendo este ano uma crise horrível pela falta de chuva. Em pleno mês de agosto, a Cordilheira dos Andes está como se fosse verão. Completamente desnuda, sem gelo. Até o calor temos tido. A seca ameaça com a fome a grande parte da população. Domingo passado vim de Bogotá para Santiago e durante todo o tempo em que o avião sobrevoava a cordilheira era um espetáculo triste. Cinzenta, quando devia estar branquinha. [...] Em junho, estive em Paris e em Roma. Achei uma beleza, mas não tive tempo para ver muitas coisas (LACERDA, 2016, p. 60).

Paulo Freire descreve como um momento triste sobre a visão que se tem ao sobrevoar as cordilheiras. Talvez, para Nathercinha, ao fazer a leitura possa ter outro sentimento, pois ao imaginar a cena descrita tudo ganha outro sentimento ou sensação. Estes podem estar ligados ao fato da experiência de imaginar-se sobrevoando e que a imagem da seca se tornaria irrelevante.

O imaginário na infância é algo a ser alimentado, está presente. Portanto, “[...] a infância é o tempo de acreditar em bonecas. É na infância que existem os finais felizes” (FABRA, 2009, p. 113). O acreditar em boneca está relacionado à história Kafka e a boneca viajante, na qual Kafka, ao ver a menina chorando no parque por ter perdido sua boneca, diz a ela que sua boneca havia deixado uma carta. A partir dessa primeira vieram várias outras que contavam as viagens e as experiências da boneca em diferentes países pelo mundo. Da mesma forma, Paulo Freire realiza em suas cartas para Nathercinha. Nelas, abordava as descrições do espaço físico, a localidade em que residia, trazendo elementos de outros países que conheceu. Mas, para complementar, apresenta elementos das relações que estabeleceu com esses lugares ao contar as suas experiências, desejos, sonhos e expectativas.

Na quinta carta o destaque é para o trecho a seguir:

Santiago está uma beleza nesta época, sómente que muito quente. E como já estou acostumado com o frio do inverno, sinto muito calor. Continuo trabalhando muito e estudando também. Vocês vão ver que a gente nunca para de estudar. Há sempre muita coisa para a gente aprender, mas vida não pode ser só estudo. A gente também precisa brincar. Até quando a gente já está grande, como mamãe, papai, como eu que já estou ficando de barba branca, a gente precisa brincar. Só que o brinquedo da gente grande às vezes já não é igual ao dos meninos. E também tem gente grande que fica zangada quando os meninos querem brincar. Essa gente grande se esqueceu de quando era menino. Brincando a gente aprende muito, mas é preciso também estudar seriamente. O jeito que tem é equilibrar o brinquedo com o estudo. Espero que vocês façam sempre assim (LACERDA, 2016, p. 64-65).

A fala de Paulo Freire nesta carta aponta para a necessidade de ocorrer um equilíbrio entre trabalho, estudo e brincadeira, seja na vida da criança ou do adulto. E que por meio da brincadeira também se aprende. Essa reflexão que ele propõe nesta carta está interligada com o que vem acontecendo a partir do início da pandemia do Covid-19.

Através do isolamento social foi necessário o encerramento dos atendimentos presenciais nas unidades educativas e a transferência deles para o meio digital, tentando atender às necessidades de um discurso que defendia o ato de garantir o

direito à aprendizagem das crianças. Para pensar essa nova relação educacional, a pesquisadora Dussel (2020) apresenta elementos que devem ser considerados ao analisar esse processo. Um deles vem ao encontro com o que Freire escreve em suas cartas, livros e o próprio método de alfabetização, que é levar em consideração nos planejamentos os contextos de vida das crianças. Ou seja, atualmente o ambiente virtual tem se transformado em um espaço com novas possibilidades de aprendizagem, com o foco no que vem acontecendo no mundo, que influenciou na mudança da rotina e da vida das pessoas. Para isso, Dussel (2020) busca em Tonucci (2020) argumentos para afirmar a importância sobre a compreensão que essas vivências domiciliares permitem aprendizagens, sendo que apresentam indicativos e podem ser contempladas nos planejamentos. Mas, para poder organizar o processo, é imprescindível que seja registrado e revisitado, fazendo a documentação pedagógica relacionar as teorias com as práticas em uma construção coletiva.

Na sexta e última carta o trecho importante segue descrito abaixo:

O campo da Universidade de Harvard é muito bonito. Nossa casa fica muito perto da Universidade. Vou diariamente a pé, em 10 minutos. Para mim é um passeio muito agradável, sobretudo agora no outono, com as folhas das árvores tornando-se amarelas, amarelo-verdes, roseas, roseo-amarelas, roseo-escuro. É uma lindeza. Em dezembro, teremos muita neve. Às vezes, não se pode sair de casa. O frio é muitas vezes maior que o de Santiago, mas temos boa calefação e abrigos apropriados. Elza, apesar de gostar muito do Chile, gosta também daqui. Lut não suporta. Ele acha que “aqui não se vive como gente, mas como máquina”. Tem muita razão (LACERDA, 2016, p. 68-69).

A expressão “mas como máquina” talvez fosse adequado chamar de “Sociedade do Espetáculo”, do autor Debord (1997), no qual o autor faz referência a uma sociedade que passa a se organizar a partir da estruturação da produção em série, ou melhor, em larga escala. “Espetáculo nada mais é que o sentido da prática total de uma formação econômico-social, o seu emprego do tempo” (DEBORD, 1997, p. 12). Com a normatização da produção e o seu meio de divulgação faz com que demonstre ao consumidor a necessidade de ter acesso ao mesmo produto que seu amigo, vizinho, irmão adquiriu.

Nessa sociedade o foco gira em torno da economia e para ter o alcance desejado se faz a utilização dos “meios de comunicação de massa”. Ela irá reforçar a ideia de consumo das produções da sociedade do espetáculo, promovendo um sistema de alienação em que o público consumirá e fará divulgação dos produtos como únicos e melhores no mercado, como nos fala Debord (1997).

“Com a revolução industrial, a divisão fabril do trabalho e a produção em massa para o mercado mundial, a mercadoria aparece como uma força que vem ocupar a vida social” (DEBORD, 1997, p. 24). Esse processo de industrialização passou a demonstrar que se deve valorizar cada vez mais a individualização das ações nas produções. Isso acabou influenciando os contextos da vida em sociedade em que as ações que privilegiam o individual ganham destaque em relação às coletivas, pois muitos sujeitos estão apenas pensando sobre a situação individual, deixando de considerar que as suas ações podem prejudicar o coletivo.

Encerrando temporariamente o diálogo

As vidas de Paulo Freire e de Nathercinha se misturam ao contexto nacional que o Brasil vivia na época, a Ditadura Militar. Por causa dela, Paulo Freire esteve exilado em outros países e as trocas de cartas eram uma das poucas maneiras de obter informações diversas. Diante disso, Freire utilizava as cartas para demonstrar o cotidiano familiar, estudos, trabalho e o principal desejo de permanecer menino.

O menino que, no tempo Kairós, estaria na fase da melhor idade, ou seja, na terceira idade, tentava viver no tempo de Aión e Kairós. Aproveitava a oportunidade nas escritas das cartas para apresentar à menina de 9 anos que a natureza presenteia com diferentes elementos, podendo ser simplesmente admirados ou, ao mesmo tempo, elementos para as brincadeiras. Assim, traz outra perspectiva de viver a vida e as fases da infância e a adulta, em que o espírito de criança perpassa por elas e não se encerra quando se finaliza teoricamente a infância.

Ler as cartas é caminhar por diferentes fases da vida, é interagir com o espaço geográfico por meio do olhar sensível de Freire. Uma sensibilidade que faz aproveitar o período de exílio, sendo que, para alguns, poderia ser ruim ao estar longe de seu país natal, familiares, amigos, ou melhor, longe da sua história. Entretanto, Paulo Freire demonstra que existiam outros sentimentos a serem explorados, principalmente a partir do olhar do menino e da criança.

O diálogo com os escritos de Paulo Freire não se finaliza. A cada momento ele se renova porque Paulo Freire está diretamente ligado aos diferentes contextos da vida. Com isso, é sempre atual e, ao reler seus escritos, realizamos conexões com a atualidade e com os conhecimentos que vêm sendo produzidos cientificamente.

Por tudo isso, Paulo Freire está presente!

Referências

- DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 238 p.
- DUSSEL, I. La escuela en la pandemia. Reflexiones sobre lo escolar en tiempos dislocados. **Praxis Educativa**, [S.l.], v. 15, p. 1-16, 2020. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16482>>. Acesso em: 01 dez. 2020.
- FABRA, J. S. **Kafka e a Boneca Viajante**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 127 p.
- FREIRE, P. **Cartas a Cristina**: Reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2003. 333 p.
- KOHAN, W. O. **Infância, Estrangeiridade e Ignorância**: ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 176 p.
- KOHAN, W. O. A infância da educação. O conceito “devir-criança”. In: KOHAN, W. O. (Org.) **Lugares da infância**: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 51-68.
- KOHAN, W. O. **Paulo Freire mais do que nunca**: uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2019. 272 p.
- KOHAN, W. O. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Praxis Educativa**, [S.l.], v. 15, p. 1-9, 2020. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/issue/view/694>>. Acesso em: 05 dez. 2020.
- LACERDA, N. **A casa e o mundo lá fora**: cartas de Paulo Freire para Nathercinha. Rio de Janeiro: Zit, 2016. 88 p.
- MELLO, S. A. *et.al.* O espaço onde se brinca na educação infantil. **Nuances**: estudos sobre Educação, [S.l.], v. 26, n. 2, p. 149-168, 6 jan. 2015.
- TONUCCI, F. No perdamos este tiempo precioso dando deberes. **Diario El País**, 11 de abril de 2020. Disponível em: <<https://elpais.com/sociedad/2020-04-11/francesco-tonucci-no-perdamos-este-tiempo-precioso-dando-deberes.html>>. Acesso em: 6 dez. 2020.